



CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO PAULO
VEREADOR CHICO MACENA

PL07/2010

Justificativa

A intenção deste projeto, que certamente contará com o apoio de todos os Vereadores desta casa, é uma justa homenagem da população de Ermelino Matarazzo a uma Ilustre moradora Antonia Maria de Lucena (1911-2000), durante muitos anos lutou por melhorias no bairro, a fim de garantir melhores condições de vida a população do bairro.

Em 1968 chega em São Paulo, onde vai morar na antiga Rua Aparecido, hoje Vitória Simionato, imediatamente começou a participar nos trabalhos da Igreja.

Antonia Maria de Lucena devota de Nossa Senhora começa a trabalhar com as crianças, para ensiná-las a reza do terço.

A partir daí forma grupos de ruas que saem de casa em casa fazendo as novenas de maio.

Participou juntamente com moradores da vila e o Padre da região a construir a Igreja de Padre Cícero, hoje Igreja Nossa Senhora das Dores, foi ministra, catequista do primeiro e do segundo ano, participava dos grupos de rua da pastoral da saúde, movimento de alfabetização, mantinha duas salas de aula em sua própria casa, participou juntamente com outros moradores pela construção do Hospital de Ermelino Matarazzo.

Propõe-se que se denomine a praça situada entre a Rua Ângelo Cori e a Avenida Antonio Augusto de Lima, de Praça Antonia Maria Lucena, de forma a homenagear esta Ilustre pessoa.

Assim sendo, face ao exposto, tendo em vista a relevância da propositura, sobre tudo para os moradores de Ermelino Matarazzo, pede-se que seja ela aprovada pelos Ilustres membros desta Câmara Municipal.

Biografia de Antônia Maria de Lucena

Aos onze dias do mês de agosto de mil novecentos e onze, em uma cidadezinha do interior do Ceará, Caririaçu, nasceu ela. Seus pais: Cunegundes Vieira de Melo (21 anos) e Rosa Maria de Jesus (24 anos). O jovem casal acabara de ganhar Antônia. Uma garotinha franzina, mas muito esperta. Tudo ia muito bem apesar da pobreza, até que seu pai, vítima da gripe espanhola falecera deixando a pequena Antônia com quatro anos de idade, seu irmão José com três anos e sua mãe Rosa.

A partir daí a vida não foi fácil para aquela família. Rosa com duas crianças pequenas não podia trabalhar, mas mesmo assim, deixava seus dois filhos em casa e saía para lavar roupas no rio que ficava distante de casa, para dar o sustento para sua família.

Certo dia, estava Rosa a lavar roupas, quando sentiu um forte cheiro de queimado e percebendo o perigo, correu para casa que estava em chamas, mas por sorte conseguira salvar os filhos que ali se encontravam.

Os anos se passaram e Rosa percebia a vocação de sua filha para as coisas de Deus. Antônia desde criança, gostava de ajudar os pobres e as crianças. Vivia ajudando na igreja e ainda adolescente cuidou do velho padre da paróquia da cidade que se encontrava com uma doença contagiosa, da qual ninguém queria ajudar por medo, preconceito ou fanatismo.

Parecia mesmo que Antônia tinha vocação para cuidar dos doentes: Depois do velho padre, a sua avó (Mainha), que reconhecendo o seu grande amor e dedicação pelas coisas de Deus, lhe incumbira de sempre fazer as novenas de maio, a devoção a Nossa Senhora e o dever de rezar em todos os sábados o ofício de Nossa Senhora. Assim fez Antônia: A vida inteira se dedicou a praticar o bem, a ensinar a Palavra de Deus a todos.

Sempre teve um grande sonho: Se tornar uma irmã de caridade, para ficar mais próxima de Deus e dos pobres.

Por duas vezes ficara noiva e quase chegara ao casamento, quando a pedido de sua mãe não o fizera.

Nesta ocasião, sua mãe trabalhava na casa de seu padrinho de casamento, um senhor muito conceituado da cidade de Missão Velha que ficava vizinha de Caririaçu. Ele era maestro, músico e tabelião desta cidade. Seu Lucena, como era conhecido por todos, tinha cinco filhos da sua primeira esposa e acabara de ficar viúvo pela segunda vez, com três filhos menores de três anos de idade.

Rosa porém, vendo o sofrimento de seu Lucena, com seus filhos pequenos e tantos compromissos, começou a articular o casamento da jovem Antônia com o famoso maestro.

Todavia, Antônia ainda continuava com a mesma idéia de servir a Deus, porém, movida de grande piedade e compreendendo o chamado a vocação, no dia trinta de setembro de mil novecentos e trinta e três, aos vinte e quatro anos de idade se casa com Manoel Francisco de Lucena, que na época tinha sessenta e três anos.

Desde então, Antônia se dedica inteiramente aos três filhos (Abel, Auri e Francisca) e ao seu esposo que também era um homem de fé e temente a Deus.

Além destes três filhos, Antônia tivera dezessete filhos, dos quais somente cinco sobreviveram: José Wilson, Francisco, José Maria, Luiza Maria e Maria de Fátima.

Apesar de tantos filhos e os trabalhos domésticos, ela ainda arranjava tempo para cantar as missas em latim, juntamente com seu esposo, que tocava com seus filhos na banda da igreja. E não era só isso, ensinava catequese, ajudava as mulheres quando iam dar a luz, visitava



os doentes, arrumava os altares e andores dos santos, enfim, tinha uma vida inteira dedicada à família e a igreja.

Mas seus filhos cresceram e resolveram ir para São Paulo tentar a sorte no ramo musical, pois todos aprenderam com seus pais a arte da música. Com o passar dos anos, seu Lucena já debilitado pela doença e pela idade, morre aos cento e um anos de idade, deixando três filhas menores Luiza, Fátima e Socorro, esta última que eles acabaram de adotar.

Antônia desde então, a pedido de seu marido na hora da morte, resolve ir para São Paulo encontrar com seus filhos, pois não fazia mais sentido permanecer naquela cidade. E em mil novecentos e sessenta e oito chega em São Paulo onde vai morar na antiga rua Aparecido R. do Prado, hoje Vitória Simionato, com seus filhos que já estavam aqui e os que vieram com ela.

Ao chegar aqui achou tudo diferente... a distância da igreja, dos amigos, dos trabalhos que gostava de realizar... Todavia, logo fez boas amizades, como era seu dom, e mesmo timidamente começou a participar nos trabalhos da igreja.

Após dois anos, conseguiu construir uma casinha na vila Robertina, onde conheceu bons amigos: D. Nina recém casada e moradora da vila, seu Modesto e seus filhos, enfim, poucos moradores, pois a vila estava em processo de povoamento.

No entanto, depois de seis anos seu querido filho José Maria perde a vida vítima em um acidente de carro. Antônia sofreu muito e com isso perde todo o gosto pela vida. Por muito tempo cai em depressão abandonando todo o trabalho e sonhos tão almejados.

Graças a sua grande fé em Deus e devoção por Nossa Senhora ela consegue reagir, superando os sofrimentos e começa a trabalhar com as crianças. Em sua casa reúne algumas crianças para ensiná-las a reza do terço. A partir daí forma grupos de rua que saem de casa em casa fazendo as novenas de maio. Sempre fazendo bons amigos, ia nas casas para levar a Palavra de Deus as famílias.

Entretanto, o grande sonho de Antônia ainda estava por vir: Ela queria construir a casa de Deus na Vila Robertina. Sonhava em fazer a igreja de Padre Cícero do qual era grande devota. Juntamente com o Padre Ticão e alguns moradores da Vila, saíram a luta para a aquisição de um terreno, junto a Prefeitura, para a construção da igreja de Padre Cícero, hoje igreja Nossa Senhora das Dores.

Depois de muita luta, conseguem o terreno e começam a grande batalha para conseguir dinheiro para a construção.

Sob Sol forte e escaldante, ou embaixo de chuva, já idosa, Antônia saía pelas casas para receber o dizimo ou prendas para as festas do querido padroeiro.

Ela foi catequista dos próprios filhos, netos e bisnetos, levou a Palavra de Deus a família e amigos. Foi ministra, catequista do primeiro e segundo ano, da crisma, participava dos grupos de rua, da pastoral da saúde, visitava os doentes levando a eucaristia, participou dos movimentos de alfabetização onde em sua casa tinha dois núcleos do qual para dar bom exemplo estudava e dizia que não há idade para quem quer aprender e ajudar alguém, lutou juntamente com os moradores da vila pelo hospital de Ermelino Matarazzo.

Foi esposa, mãe, avó, amiga, companheira, mestra, fiel a Deus e temente a Ele. Cumprindo verdadeiramente a sua missão aqui na terra, aos dezesseis dias do mês de novembro de dois mil, as nove horas e cinquenta minutos, no Hospital do Servidor Público Estadual, Antônia Maria de Lucena deixa este mundo do qual procurou viver dignamente, para participar da Glória Eterna de Deus que sempre tentou imitar.

